

ABSTINÊNCIA DO CARALHO: O PASSIVO E O ATIVO NA SOCIEDADE ATENIENSE DO SÉCULO V A.C

Gerliane Oliveira Lima³⁰

Jacquelyne Taís Farias Queiroz³¹

RESUMO: As práticas sexuais se tratam de um campo que correspondem a uma válvula propulsora que rege as atitudes dos sujeitos tanto na sua vida privada quanto em sua vida em sociedade. Com os gregos não foi diferente, pois percebia-se na sexualidade, além de sua essência procriadora e prazerosa, um ato também carregado de significados sociais, religiosos e políticos, reflexos dos padrões de moralidade e culturais da sociedade daquele período. A nossa pesquisa visa analisar a comédia grega antiga *Lisístrata* do século V a.C., percebendo em sua narrativa qual a representação das práticas sexuais dentro das relações sociais existentes no imaginário masculino ateniense do século V a.C.. Nesse sentido, o trabalho busca destacar elementos de cunho sexual que estejam vinculados a forma de estabelecimento da sociedade binária regida por regulações e divisões das funções entre os indivíduos passivos e ativos. Em *Lisístrata* buscamos resquícios que apontem para o quão as práticas sexuais estavam de certa forma relacionadas ao jogo e controle do poder de alguma forma, seja ele no âmbito público ou privado.

Palavras-chave: Práticas sexuais. Comédia Grega. Poder.

Abstract: The sexual practices are about an area that corresponds to a propulser valve that manage the acts of people in their personal life and social life. With the Greeks was the same, because in the sexuality could realized beyond the pleasant and breeding essence, an act full of social, religious and political meanings, effect of the morality and culture standards from that epoch. Our research seek analyze the *Lisistrata*, ancient comedy Greek from the century V B.C, seeing in the narrative the representations of the sexual practices in the Athenian male vision from the century V B.C. In this way, the task seek point out that sexual sense elements that are linked to the form of organization of binary society, that is conducted by regulations and divisions of the roles among the individuals. In *Lisistrata*, we search remnants that indicates, somehow, the relation between the sexual practices and the control of power, in public or deprived context.

Key words: Sexual practices. Greek comedy. Power.

³⁰ Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVIII, Eunápolis - BA. E-mail: gerlianel@hotmail.com

³¹ Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (UESB). Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVIII, Eunápolis - BA. E-mail: jacquelynequeiroz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A comédia grega antiga se apresenta enquanto mecanismo de expressão dos anseios sociais, também como propagadora de idéias. Em meio a essa singularidade e pela experiência da democracia que se vivia em Atenas naquele momento, fez com que as complexidades inerentes ao estado democrático vigente conquistassem novas discussões e questionamentos. Sendo a comédia “[...]o mais genuíno produto da liberdade democrática da palavra.” (JAEGER, 1995, p. 218).

Temos aqui por finalidade identificar as práticas sexuais gregas do século V a.C. dentro das relações sociais existentes em Atenas, pensando que na esfera da sexualidade existem políticas internas inerentes, tal como a instituição da desigualdade e de modelos de opressão, sendo essas “imbuídas de conflitos de interesses e manobras políticas” (RUBIN, 2003, p.1). Para a referida identificação dessas práticas sexuais utilizaremos como fonte a comédia grega *Lisístrata*, do século V a. C. A seleção da obra se deu a partir da percepção que dentro da organização da trama a prática sexual está fortemente representada, bem como os sujeitos sociais do seu tempo. Colocando em evidência certas contradições existentes entre a instituição normativa e efetivação dessas práticas.

Buscamos através da análise do discurso perceber qual a representação das práticas sexuais naquela sociedade apresentada em *Lisístrata*, levando em consideração os mecanismos de cunho sexual utilizados pelos personagens para o alcance de seus objetivos. Discorreremos sobre o lugar político, social e econômico desta, e através do conceito de representação de Roger Chartier (1990). Visando quais os perfis de sujeitos a quem Aristófanes apresenta, qual classe social integravam, pensando no estabelecimento de normas e padrões de acordo com sua posição social.

COMÉDIA GREGA: A IMITAÇÃO DO QUE É MAU, CENSURÁVEL E INDIGNO

Diante das percepções de Wermer Jaeger (1995, p.414) sobre a comédia tem a função de refletir aspectos da vida, o que leva o autor a

nominá-la de “Espelho da vida”, isso porque essa apresenta num conjunto ideias que integram aspectos políticos, filosóficos, bem como criações poéticas em evidência no momento. Cabe aqui destacar que a comédia trabalha sobre aspectos reais de seu tempo, o que concede a essa um caráter educacional que tem como plano de fundo a realidade ou experiência social.

No que diz respeito sobre as obras cômicas gregas, poucas chegaram até a atualidade, muito do que foi produzido se perdeu, e dentro das que foram encontradas é dado destaque para as obras do comediógrafo Aristófanes, isso porque em meio a quarenta obras criadas por ele que foram encontradas, foi possível resgatar onze obras completas, o maior número já encontrado.(MALTA, 2009, p.2). Nascido por volta de 457 a.C., seu trabalho se caracterizou por apresentar a vida política, social, religiosa e cultural por meio de crítica acirrada, assim Aristófanes foi indubitavelmente um interprete no teatro daquilo que se pensava e não se dizia, ou se dizia em voz baixa na Ágora, porque não se tinha a coragem de dizê-lo em voz alta (BRANDÃO,1984, p.77).

Provável homem do campo, fala do lugar social de quem vivem as ideias conservadoras em meio as inovações ideológicas do período, e assim costuma fazer uso das ideias que regiam a época do apogeu ateniense para criticar a condição atual de declínio que Atenas viveu pós morte de seu primeiro governante democrático. Em suas obras costumava fazer uso de imagens de sujeitos que estão às margens da sociedade no centro das discussões, tal como as mulheres, pois para além de vivenciar as normas engessadas em uma sociedade que já não as comporta mais, o comediógrafo vem apresentar novas perspectivas com relação a esses sujeitos, de maneira que apresenta para seus expectadores novas formas de ver e pensar o mundo e sociedade em que vivem.

Dentre os onze trabalhos produzidos por Aristófanes, três apresentam a mulher na centralidade da discussão, sendo Lisístrata a primeira delas, o que nos aponta para o despertar da visão masculina com relação à mulher, uma certa visibilidade para essas, ainda que dentro da comicidade. Assim buscamos analisar mais à frente a referida obra, partindo do princípio de que essa simboliza um marcador de divisas entre a negação e negligencia para com a mulher e o reconhecimento desta enquanto sujeito ativo dentro duma sociedade

imperativamente masculina, sem perder de vista que se trata da ótica masculina, “[...] a comédia de Aristófanes ainda que assumisse sua irrerealidade, não assumia sua impossibilidade.” (TORRÊS, 2001, p.50).

ATIVO E PASSIVO: A RELAÇÃO ENTRE SEXO E PODER

É fundamental refletir sobre a importância que o mecanismo da sexualidade tem sobre as diversas sociedades. Uma vez que dentro dessa esfera existem mecanismos de poder imbuídos, tal como interferência política, religiosa e cultural que fazem uso do mecanismo de repressão para regular os padrões do que podem e do que não podem dentro do universo sexual. Dentro de qualquer sociedade e seu espaço tempo, logo que um determinado poder é exercido, passa a ser examinado e posto em reflexão sobre seu possível desfavor aos poderes já estabelecidos, assim as práticas sexuais enquanto mecanismos que vem a englobar diversos traços do jogo que conduz a satisfação do desejo sexual se apresenta enquanto um fator de risco a ordem de poder já instaurada. Ficando assim perceptível que dentro das mais variadas sociedades já existentes a normatização das práticas sexuais e seus coadjuvantes enquanto força operante, no sentido de controle do poder é existente. Pois “[...] a atividade sexual é em si mesma demasiado perigosa e custosa, muito fortemente ligada a perda de substância vital, para que uma economia meticulosa deva limitá-la na medida em que ela não seja necessária.” (FOUCAULT, 1984, p. 218).

A reflexão aqui presente nos direciona a pensar que se há um movimento no sentido de limitar, chegando mesmo ao ponto de quase sucumbir com determinado campo de ações, isso certamente sinaliza sobre a existência de um forte mecanismo de poder, que possivelmente deve apresentar acentuada ameaça às soberanias já estabelecidas.

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, e permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois como inúmeros expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades [...] como um torrente impetuosa e cheia de perigos .(CHAUÍ, 1984, p.9) .

Dentro das muitas vertentes passíveis de se pesquisar, no que cerne o cotidiano, a esfera sexual se apresenta, apesar de complexa, muito promissora de forma que tem sua essência ligada a energia que dá impulso a muitos atos humanos.

Dentro das práticas sexuais gregas, é possível observar uma dicotomia sexual. No âmbito da sexualidade existiam as práticas normatizadas e regidas pela moral, aquelas que deveriam ser postas em prática pelos cidadãos de boa conduta, e em paralelo as essas, existiam também as práticas sexuais consideradas por determinada parte da sociedade como imorais, que se distanciavam das normas e padrões estabelecidos por uma elite masculina dominante. Os indivíduos que as praticassem eram vistos com descrédito e desmoralização. Visto que a carreira de um efetivo cidadão requeria do sujeito à construção de uma imagem livre de falhas, a busca da perfeição é prioridade grega do Período Clássico.

Na atualidade a concepção de relacionamento conjugal esta estritamente ligada a existência de alguma forma de sentimento, seja ele “paixão” ou “amor”, no entanto como pontua, Simon Goldhill (2007, p.48) o que se pode observar é a ausência de descrição de algum relacionamento romantizado no Período Clássico como os que permeiam o imaginário ocidental atual, isso porque uma qualidade pela qual o homem grego primava era o autocontrole, e isso esta relacionado com não querer sentir, tendo em mente que a perda do autocontrole afasta o homem de sua razão. E a partir dessa maneira de pensar as relações, é que poderemos pensar sobre alguns estabelecimentos de normas de conduta que permeavam as relações sociais.

Dentro desse universo dicotômico das instituições das normas e as práticas, existia outra forma de divisão de conduta sexual: homem X mulher, dentro da qual cabia à mulher a passividade e ao homem a atividade, pois “O comportamento sexual das esposas bem-nascidas atenienses era regulado por leis.” (LESSA, 2010, p.71). O que nos conduz à reflexão, a partir do momento em que é apresentada a necessidade de se estabelecer uma normatização através da instituição de leis para regular a prática sexual de um determinado grupo, fica para nós a ideia da existência de um tipo de força que precisava ser controlada ainda que através do mecanismo da lei.

Conforme menção abaixo de Goldhill (2007), o autor traz uma linha de raciocínio em que apresenta o campo do sexual em mulheres como algo vultuoso, enigmático, campo sobre o qual o homem não tem domínio. Pois, “Como muitos homens aturdidos, a lei também tem maior dificuldade em reconhecer os sinais do desejo sexual em uma mulher, e não sabe exatamente o que proibir. Se o problema é a excitação sexual, qual é o sinal físico no corpo de uma mulher?”. (GOLDGHILL, 2007, p.40).

Dessa forma o que fica claro para nós é que a imposição de leis de Estado para reger a sexualidade feminina perpassa pelo campo de desconhecido, logo algo que precisa de algum tipo de controle regulamentar visto ser algo do qual não está disponível à interpretação masculina.

SOCIEDADE BINÁRIA

Fabio de Souza Lessa (2010, p.45) pontua sobre a “[...]representação binária construída a partir da oposição interno/feminino X externo/masculino.”. A partir da qual é possível perceber que para além do espaço físico, também é possível observar essa dicotomia em outras áreas como a da esfera sexual, de forma que ao homem cabe a postura de sujeito ativo, enquanto que para a mulher cabe a passividade, tendo em vista que os prazeres deveriam fazer parte somente do universo masculino, devendo assim as esposas bem-nascidas a abstenção desses, isso pensando o ideal de sociedade normatizado.

Quando se trata do comportamento feminino ideal relacionado à esposa bem-nascida, as normatizações pregam que essa deve seguir o modelo *mélissa*; estilo “[...] de vida puro e casto, ou seja, uma atividade sexual bastante discreta; hostilidade ao odores à sedução; fidelidade conjugal.” (LESSA, 2010, p.55). Oposto ao que se estabelece para os homens, é o que se tem estabelecido para as mulheres, todo um universo que possibilite o estímulo de sua sexualidade não é aceito socialmente para essas, de maneira que o uso de joias, adornos e perfumes devem ser evitados por uma “boa esposa”, já que esses tendem a estimular os desejos, bem como conduzem para a sedução, caminho que deve ser evitado tendo em vista não se desviar do direcionamento de uma “boa mulher”.

Para essa mulher cabia-lhe algumas atribuições bases como a administração do *oikos*, criação dos filhos, reger a logística da administração doméstica, bem como direcionar o trabalho dos escravos e garantir o abastecimento alimentar da casa, trabalhar na área de tecelagem na produção de vestimentas para os da casa. Ficando assim o âmbito do privado sob responsabilidade quase que total da mulher, enquanto que ao homem é relegada a administração das coisas públicas, concedendo-lhe um amplo contato com sujeitos outros que não apenas os do lar. Nesse mesmo sentido, também era instituído socialmente uma dicotomia dentro do campo das práticas sexuais, eram estabelecidas normas de conduta que deveriam ser seguidas pelos cidadãos, onde cabe ao homem a postura de dominador ativo e público, enquanto para a mulher fica a postura de dominada passiva e privada.

Tal dicotomia encontrava nos mecanismos legais bases de sustentação. É possível perceber que a legislação atuava no sentido de reforçar certo controle do masculino sobre o feminino que supunham necessário, e são nessas formas que podemos observar que a bipartição ativo x passivo é estabelecida nas mais diversas áreas, inclusive das práticas sexuais. Pensando que as muitas informações que temos acesso acerca do comportamento feminino foi produzido por homens. Assim temos uma visão masculina sobre o ideal de mulher daquele período. A partir dessa linha de raciocínio podemos realizar o seguinte questionamento: Qual a intencionalidade por trás dessas normatizações que dividem toda a sociedade em ativos e passivos? Qual deveria ser o posicionamento dos que são enquadrados no rol de passividade diante essas normas?

O desnível entre o discurso ideológico e a experiência social foi apreendido por nós na documentação textual a partir da observação da participação ativa da esposa em momentos de anormalidade, no cotidiano através da demonstração da insatisfação frente ao seu papel social e da percepção de que, para gerenciar o grupo doméstico, ela necessitava romper com a rígida demarcação de seu espaço, ou, ainda, através das censuras masculinas ao seu comportamento. (LESSA, 2010, p.22).

Lessa (2010) traz a reflexão de que apesar desse modelo de mulher ser apresentado como já parte do cotidiano das esposas, é perceptível um esforço considerável no sentido de ser reafirmado

constantemente essa ideia, de maneira que em seu trabalho intitulado *O feminino em Atenas*, o autor nos aponta nova perspectiva sobre a realidade feminina dentro da sociedade grega. Pois nos incentiva no sentido de pensarmos como dentro da realidade se estabeleciam a relação ativo x passivo, bem como devemos pensar até que ponto eram efetivas as normatizações cotidianas.

As atividades femininas na *pólis* – fossem elas restritas ao *oikos* ou efetuadas fora desse limite – além de implicarem uma produtividade econômica, possibilitavam as esposas estabelecerem relações sociais informais no âmbito do seu grupo familiar, da sua vizinhança ou das suas amigas; adquirindo um tipo saber de *techne* próprios, constituindo lugares sociais de ação, enquanto uma tática que permite a sua validação social. (LESSA, 2004, p.69).

A existência desse tipo de laço entre as esposas se mostra negado nas diversas fontes que tratam desse período, não há descrição da existência dessas relações entre essas mulheres, o que provavelmente era negligenciado no sentido de não reconhecer a capacidade de que a mulher, diferente do que se pregava, era tão capaz quanto seus esposos de construir relações consideradas elevadas.

Dentre as tarefas destinadas às mulheres, existiam toda uma gama de saberes que pertenciam somente a essas, o que garantia assim a elas de alguma maneira possuir *téchne* particular feminino, que lhes garantia algum tipo de poder sobre aspectos sociais. Dentro desses saberes podemos citar o da produção de roupas com as técnicas do tear que eram passadas de mãe para filha e resinificadas dentro dos círculos de parceria entre amigas e vizinhas. Bem como podemos pontuar também sobre a nutrição da sociedade grega, tendo em vista que ficava sobre responsabilidade feminina a produção de alimentos da *polis*.

Dessa forma as esposas conseguiam manter-se dentro do ciclo social do qual eram parte essencial, ainda que não reconhecidas pelo universo masculino. É dessa maneira que podemos refletir sobre a participação dessas mulheres também na vida política da cidade, ainda que de maneira indireta, certamente suas reflexões chegavam aos ouvidos de seus maridos, que certamente ainda que não admitissem, levavam em consideração o ponto de vista de suas companheiras. “A referência ao poejo e à romã feita pelos autores antigos implica, por

exemplo que cada mulher, com o conhecimento dessas plantas, podia regular sua própria vida reprodutora como preferisse.” (LESSA, 2004, p.113).

Em determinados períodos de festividades existia a utilização de algumas plantas e frutos por parte das mulheres, dentre essas estavam o poejo e o romã, tais plantas eram de manejo frequente das mulheres, algum tempo depois, descobre-se que a romã está relacionada ao mecanismo contraceptivo. Assim, apesar de ser uma imposição social que para ser uma boa esposa deveria essas gerar filhos atenienses legítimos, podemos pontuar sobre o controle que essas mulheres tinham sobre seus corpos, isso visto que regulavam sua reprodução.

Pensando as normas que regulavam Atenas clássica, fica claro que não é pontuado e nem levado em conta a independência feminina, tendo em vista que a mulher parece em todas as fontes enquanto algo que deve estar sob tutela masculina, no entanto Catherine Salles (1987) nos traz uma outra maneira de percebermos essas instituições, pois “Seja na Atenas ou em Corinto, existem essas mulheres, ao mesmo tempo ricas e livres, dispostas a pagar muito caro pelos favores de uma belo efebo, sobretudo quando elas começam a envelhecer.” (SALLES, 1987, p.92).

Uma vez que dentro do contexto social havia a existência de mulheres independentes, as quais não dependiam de um tutor para desenvolver suas atividades, de maneira que eram capazes de mudar a posição social estabelecida para seus gêneros, mudando inclusive o papel dentro do campo da sexualidade, de maneira que não era só homens que procuravam por prazer, mas também essas mulheres, que inclusive saem do campo da passividade tornando-se ativa dentro dum processo em que ela é quem paga para ser satisfeita sexualmente.

Assim o universo atividade x passividade grega, o jogo de poder inerente ao campo das práticas sexuais, está longe de ser uma realidade rígida e encaixada para todos os cidadãos atenienses, devemos pensar essa sociedade enquanto múltipla, cheia de nuances.

ABSTINÊNCIA SEXUAL: MECANISMO DE CONTRA PODER

Analisaremos de que maneira era estabelecida a dicotomia social entre atividade e passividade relacionado à sexualidade para a sociedade grega ateniense do século V a. C., a partir da representação em *Lisístrata*, trabalho do comediógrafo grego Aristófanes.

Encenada em 411a.C., *Lisístrata* se dá em meio a uma atmosfera de pouca estabilidade política, econômica e social. Após ter vivido um considerável período de ascensão política, onde pôde gozar de grande hegemonia política econômica, Atenas vive agora em meio a um turbulento declive, de forma que as bases ideológicas grega ateniense estavam em muitos aspectos abaladas, um ambiente de fragilidade pairava. Diante esse cenário, a peça vem se apresentar enquanto mecanismo de representação social, bem como meio de crítica à desestruturação que a sociedade grega vinha experimentando.

O comediógrafo apresenta outro ponto de vista da vida em sociedade da Atenas que nos permite uma releitura e reflexão sobre a efetividade das relações normatizadas e estabelecidas entre os sujeitos do referido meio social. Diversos autores que trabalham sobre o período, tendem a trabalhar a ideia de divisão dicotômica das atividades sociais, onde a uns cabem a postura de passividade e para outros a posição de atividade. Vamos aqui pensar nas esposas bem nascidas, aquelas cujos maridos gozam de uma estabilidade financeira considerável (LESSA, 2010, p.23). De forma que para essas era estabelecido um padrão de comportamento *mélissa*, no entanto buscaremos perceber a presença dessas normatizações na cultura social dos sujeitos, a partir da releitura social realizada por Aristófanes.

Lisístrata, reuni mulheres representantes das mais variadas partes da Grécia, para que juntas reivindicar seus lugares de mulheres. Pois não se trata de uma disputa pela tomada do poder, mas uma iniciativa que visa restabelecer os lugares socialmente impostos, assim a mulher vem lutar pelo direito de desfrutar de seu lugar de mulher.

O ato principal da peça se dá a partir do fato de *Lisístrata* propor para suas companheiras uma abstinência sexual com o objetivo de obrigar seus companheiros a por fim aos conflitos que já se estendiam por muitos anos. Em paralelo a abstinência sexual, *Lisístrata*, vem propor a tomada da Acrópole, local considerado o centro

de poder religioso e político, onde os cultos aos deuses eram realizados, bem como também era guardada toda a riqueza de Atenas. Reunidas as mulheres representantes das várias cidades gregas, Lisístrata, expõe a problemática da ausência dos homens em seus lares, todas as mulheres concordam em reconhecer que se trata de um problema essa falta, no entanto após ser feita a proposição para findar com o conflito que afasta seus companheiros, logo há recusa.

Lisístrata frente à seriedade da problemática, diz qual a sua proposição para tentar resolver a questão, mas logo após a fala “Pois prego a abstinência do caralho!” (Aristofanes, *Lisistrata*, v.124), propondo que as mulheres fiquem sem relações sexuais com seus companheiros, logo há um esvaziamento do local, a mudança do semblante das mulheres denunciava a negativa frente a proposta. Logo Cleonice se manifesta e pontua ser “impossível cumprir”. A partir da negativa de Cleonice e Mirrine frente a aceitação da abstinência sexual fica perceptível o quão a vida sexual feminina é ativa, e tida com um teor de importância considerável, isso podemos ler na forma abrupta como Cleonice e Mirrine vem a retornar na ideia de findar com o conflito, visto que abster-se sexualmente para essas mulheres significava um sacrifício quase inconcebível. Logo temos aqui a desconstrução da ideia de que as normatizações que pregavam essa abstinência como sendo uma virtude da boa esposa, devendo essa dispor do ato sexual somente com fins reprodutivos, cabendo o prazer apenas às prostitutas, não era algo vivido por todas esposas do período.

Questionada sobre a possível efetividade de seu plano, Lisístrata descreve sua linha de raciocínio que vem a convencer as demais mulheres reunidas.

Lisístrata:
Tenho certeza
de que se nós ficarmos maquiadas
em casa, em microtunicas de Amorgos,
nada por baixo, o delta bem podado,
desfilarmos, e os machos, de pau duro,
querendo nos foder, ouvirem *não!*
assinarão loguinho o armistício
(Aristofanes, *Lisistrata*, v.149-154)

O reconhecimento por parte de uma mulher de seu lugar dentro do jogo de poder na esfera sexual é deixado nítido a partir da fala de Lisístrata, bem como deixa transparente que a decisão do sim ou não

está com a mulher, livrando essa de ser enquadrada como incapaz de tomar decisões por si próprias.

Após convencidas todas as mulheres, o passo a passo do plano é explicado. Logo em seguida é proposto um juramento que visa firmar a finalidade de juntas permanecerem resistentes as possíveis tentações, isso visto que se ficar sem sexo para as esposas gregas se tratava de algo difícil de cumprir, e sendo assim necessita de um juramento para que se garanta a permanência no propósito. Após a reunião que se dera em frente a casa de Lisístrata, parte baixa da cidade, firmam a jura, e em seguida seguem para *Acrópolis*, parte mais alta da cidade para a qual é necessário grande esforço para alcançar, onde já havia sido direcionada um grupo de mulheres mais velhas para simular um sacrifício e tomar o controle do local. Tomam o local e fecham suas entradas e saídas, impedindo que os homens tivessem acesso ao ambiente.

Após certo período de tempo da tomada do centro de poder pelas mulheres, não tarda o primeiro homem em busca de sua esposa chegar.

Lisístrata:

Epa! Mulheres, todas, sem demora,
aqui!

Uma mulher:

Qual é o abacaxi agora?

Lisístrata:

Um homem, sim!, avisto um ser pancada
nas cercanias, orgíaco de Afrodite.
Rainha de Citera, Chipre e Pafos,
Mantém a rota que te traz direta!

Mirriner:

É meu Cinésias, homem vapt-vupt
(Aristofanes, *Lisístrata*, v.829-838)

Aristófanes apresenta nessa passagem a chegada de Cinésias até onde estavam reunidas junto ao grupo de mulheres a sua esposa Mirriner. Esse vem e representa a situação de dificuldade pela qual o grupo masculino vinha enfrentando devido à imposição do contexto. Cinésias tenta por via do convencimento fazer sua companheira desistir da abstinência sexual utilizando dum jogo de pressão psicológica donde traz questões do universo feminino para convencer sua companheira.

No entanto Mirrine resiste, e põe o jogo de poder a seu favor, ela por orientação de Lisístrata, faz seu esposo acreditar que vai satisfazer seu desejo, no entanto seguindo as orientações de sua mentora, Mirrine leva seu companheiro ao mais alto desejo sexual, mas no último instante o abandona sem ceder a seus desejos.

Lisístrata
Cozinha o galo em banho-maria!
Amor e desamor, usa teu charme,
só não lhe dê o que conhece o cálice!
(Aristofanes, *Lisístrata*, v.839-841)

E assim como Cinésias, os demais homens gregos se apresentam num estado de desejo sexual para a qual não havia quem pudesse saciar, cheios de vontade sexual, os gregos se percebem obrigados a concordar com as propostas do grupo feminino, e então decidem pelo fim da Guerra do Peloponeso. Lisístrata mostrou que é plenamente possível resolver situações de Estado a partir de leis que regem o *oikos*.

Pensando que o trabalho de Aristófanes apresenta uma vertente de sua sociedade que dificilmente conheceríamos uma vez que estamos tratando de um grupo regido por leis patriarcais, nosso próximo passo será analisar a bipolaridade ativo/passivo segundo a ótica de Aristófanes.

A sociedade grega mais especificamente a ateniense está estreitamente regida por leis patriarcais, sendo essas elaboradas num direcionamento de impor um lugar social feminino recôndito, afastado da vida em comunidade, bem como o segmento do padrão de comportamento *mélissa* que se impõe enquanto um estilo de vida que visa uma abstenção de prazeres, devendo objetivar um padrão de pureza e castidade, com baixa atividade sexual, ter aversão aos odores, bem como à sedução, e também manter uma vida de fidelidade conjugal (LESSA, 2010, p.55), dentro do que se espera de uma boa esposa podemos pontuar alguns aspectos existentes na comédia. Pois estamos pensando em uma mulher que teve toda a vida direcionada a servir o homem e seu *oikos*, de maneira que tudo que culturalmente lhes foi ensinado é posto em prática em um mecanismo automático e comum, visto que esse ideário é entronizado dès de sua primeira existência.

Cleonice:

Esperas brilho e sensatez de quem
fica plantada em casa, maquilada,
lindura em túnica ciméria, em manto
açafraão, no frufu de suas pantufas?
(Aristófanes, *Lisístrata*, v.42-45)

Quando Lisístrata ao falar para as demais mulheres qual seria o plano, bem como qual era a proposição para findar com o conflito, Cleonice responde de maneira que deixa transmissível qual a mentalidade que permeia naquela comunidade, isso pensando que as ideologias sociais implantadas são em suma introjetadas por essas mulheres, mas ainda que dentro desse processo podemos observar um outro perfil estabelecido, pois maquiagem, roupas sensuais como as túnicas cimérias, bem como o conforto das pantufas não devem fazer parte do mundo da mulher ideal, mais ainda assim todas essas coisas fazem parte do universo feminino.

Quanto as estruturações regidas dentro de um universo ideológico extremamente patriarcal, os padrões estabelecidos para o conjunto feminino tem algumas rachaduras que nos permite perceber que as normatizações impostas socialmente, não operam de maneira unânime em toda a sociedade, e que em meio a uma multiplicidade de mentalidades, é possível ruir com o ideário de que as normatizações eram operante incisivas em todo o grupo social de uma mesma maneira, existindo sim alguns sinais de que a realidade vivida era uma outra vertente da história que normalmente não nos foi deixada pela história “oficial”, aquela escrita pelas instituições legais do período.

Ainda na primeira cena em que Lisístrata aguardando as chegadas das mulheres convocadas, chega Cleonice a primeira delas, que ao olhar para a companheira percebe um semblante de incômodo, assim questiona-a sobre o que estaria à incomodá-la, e ela pontua.

Lisístrata:
Meu coração se inflama e a condição
feminina provoca a dor infinda,
pois para os homens nós valemos menos
que um óbolo furado.
(Aristofanes, *Lisístrata*, v.9-11)

Contrariando toda a estruturação que estabelece a mulher enquanto passiva na sociedade grega, Lisístrata, personagem principal, vem ser apresentada enquanto uma mulher com posicionamento diferenciado. Em meio ao risível Aristófanes vem pontuar sobre um perfil de mulher de quem não vemos citação em documentos oficiais, mas certamente existia, isso pensando que não se cria nada a partir do nada, sendo assim pontuamos que foi preciso que houvesse inspiração para a criação da personagem.

Apesar de Lisístrata estar reivindicando a volta de seus maridos e seu lugar de mulher, ela o faz com mecanismos de que tem total controle sobre si, e plena consciência disso. É deixado transparecer que a mulher não vive inata a sua condição e no momento em que as coisas fogem do controle, elas têm a consciência de suas capacidades de envolvimento.

No contexto das práticas sexuais eram regidos por normatizações que estabelece que dentro da atividade sexual o homem deve se manter o sujeito ativo, ao passo que a mulher deve assumir o papel de passividade (LESSA, 2010, p.71), de maneira que ao homem cabe o sentir prazer enquanto que à mulher se abster dele, servindo de meio para que o homem o alcance. Durante o ato sexual algumas práticas que subtendia-se que o homem estivesse em postura de passividade eram repugnadas socialmente.

Lisistrata:

Eras o foco: fora assim, viríamos
sem contar até três. À noite, o troço
me invade: em meu lugar, quem o rechaça?
(Aristofanes, *Lisistrata*, v.25-27)

Apesar de para a mulher *mélissa*, a abstenção ao desejo, ao prazer era algo primordial, no entanto Lisístrata, vem apresentar outro perfil de esposa, aquela que tomada de seus desejos sexuais, busca uma solução para um conflito que em muito parecia não findar. Perceber como a mulher é dotada de sentimentos, que a conduz no sentido de uma vida ativa e completamente sexuada.

Durante determinada cena, Cleonice questiona a companheira e líder do grupo a respeito da capacidade feminina, diante daquilo que em primeiro olhar parece fragilidade. Mas Lisístrata responde à essa, mostrando-lhe outra perspectiva sobre os adereços femininos.

Cleonice:

Espera brilho e sensatez de quem
fica plantada em casa, maquilada,
lindura em túnica ciméria, em manto
açafão, no frufu de suas pantufas?

Lisístrata:

Arômatas, pantufas, roupas trans-
visíveis, microtunicas açafão,
ruge... são nossos trunfos para a paz.
(Aristofanes, *Lisístrata*, v.42-48)

Para a mulher ateniense manter-se longe de adereços que de alguma forma aguçassem ao desejo sexual deveria ser também um princípio, isso visto que esse comportamento não se enquadra no perfil ideal de esposa. No entanto Aristófanes vem apresentar uma naturalização da mulher que se produz para seu companheiro, ao passo que também traz na fala de Lisístrata um tom de reconhecimento de poder a partir de determinadas questões. O autor nos apresenta um perfil de mulher que sabe sua força dentro do jogo de poder, que sabe que é através das questões sexuais que a mulher carrega certa vantagem sobre seus maridos.

Após reunir as mulheres e expor a problemática, Lisístrata apresenta sua proposição para resolução. Ao apresentar a abstinência sexual percebe que as demais companheiras recuam diante a iniciativa de findar com o conflito.

Lisístrata:

Pois prego a abstinência do caralho!
Qual a razão da retirada abrupta?
Por que o muxoxo e o *não* no rosto? O alvor
se deve a quê, e o chororô? Quem não
está a fim? Diz-me: o que sucede?

Cleonice: Impossível cumpri-lo! Haja conflito!

Mirrine: Também não entro nessa! Que haja Guerra!
(Aristofanes, *Lisístrata*, v. 125-130)

Diante a recusa com choro, e visível tristeza no rosto, as mulheres negam-se abster sexualmente para findar com o conflito, podemos destacar o quanto a questão sexual é valorizada nesse aspecto, isso porque se apresenta enquanto algo pelo qual não é possível abrir mão.

Bem como devemos pensar como a desconstrução de certas ideias se impõe aqui. A atividade feminina no âmbito sexual é notável, aquela quem deveria demonstrar indiferença frente a essas questões, se mostram totalmente contrárias a essa ideia.

O desejo sexual entre os companheiros é perceptível através da cena em que Cleonice propõe sacrifícios extremamente dolorosos ao invés de ficar sem sexo, de maneira que fica claro que o prazer também é valorizado pelas mulheres, o que nos conduz a reflexão de que essas não são meras coadjuvantes no ato sexual, mas que participam ativamente, inclusive sentindo prazer.

Cleonice:

Dá uma opção! Eu ponho os pés na brasa
Do carvão, mas não metas o caralho
No meio: nada chega aos pés do pau!
(Aristofanes, *Lisítrata*, v.133-135)

Ao passo que a mulher segundo as normas estabelecidas deveriam seguir um perfil recatado, sem demonstração de desejo sexual, Cleonice e Mirrine vem apresentar um ponto de vista diferenciado de mulher esposa, aquela que tem em si o desejo latente. As personagens veem significar a existência de um grupo feminino heterogêneo, que apesar das instituições impostas socialmente, existiam perfis de mulheres que não se enquadravam nas normas, mas que no entanto era de conhecimento da sociedade de seu padrão comportamental, isso visto que a peça foi criada sobre a tabua da realidade conhecida pelo autor.

Na descrição de quais os mecanismos devem ser adotados para levar seus companheiros a assinar o armistício, Lisístrata descreve sobre as possíveis armas de poder que devem ser utilizadas pelas companheiras para que possam alcançar seus objetivos.

Lisístrata:

Tenho certeza
De que se nós ficarmos maquiadas
Em casa, e , em microtúnicas de Amorgos,
Nada por baixo, o delta bem podado,
Desfilarmos, e os machos, de pau duro,
Querendo nos foder, ouvirem *não!*,
Assinarão loguinho o armistício.
(Aristófanes, *Lisístrata*, v.149-154)

A comandante do grupo de mulheres, descreve o que devem fazer para alcançar seus objetivos. Passagens como “o delta bem podado” refere-se a como a vagina das mulheres devem estar depiladas, isso visto que para o homem grego pelos em uma figura feminina representa algo desprezível, logo o oposto vem representar a figura do desejo (GOLDHILL, 2007, p.41), como os detalhes no campo do sexual é importante, assim como quando pontua “os macho de pau duro, querendo nos foder”, retrata o quão as referidas orientações podem levar os homens à excitação sexual, de maneira que até mesmo fica perceptível através do pênis ereto. Lisístrata concorda e traz detalhes de adereços utilizados pelas esposas como maquiagem, microtúnicas enquanto armas de sedução, via pela qual utilizam para alcançar objetivos diante seus companheiros.

A partir disso devemos refletir sobre as proibições pensadas para uma boa esposa. Pensar que haja um reconhecimento da parte masculina, sobre o fato de que a mulher a partir do mecanismo da sedução consiga convencer seu companheiro à suas vontades. Dessa maneira, dentro do universo sexual a quem tem tanto ou mais poder que o homem, isso pensando que se trata de uma peça escrita por homem, encenada por homens, apresentada para homens, nos conduz a pensar que eles levavam em consideração que a mulher detivesse um certo poder sexual.

Quando questionada sobre serem obrigadas por seus maridos a cumprir suas obrigações matrimoniais, Lisístrata pontua sobre o quão importante para o homem que exista certa concordância com sua companheira durante o ato sexual.

Lisístrata:

O homem não curte quando força a barra.

O principal: fazê-los padecer!

A coisa não vai longe, pois seu gozo depende da harmonia com a esposa.

(Aristofanes, *Lisístrata*, v.163-166)

A observação de Lisístrata a respeito da harmonia existente entre marido e mulher, vem a desestruturar a norma de que o prazer o homem não busca em sua esposa, mas em ambientes outros que não o *oikos*, no entanto fica perceptível através da fala “pois seu gozo depende da harmonia com a esposa”, deixa claro que o coito do marido depende também de como sua companheira conduz o sexo, e que sim, o marido

vê em sua esposa um par passível de afagar seus desejos sexuais, e ainda mais, de forma como igual, onde o prazer masculino esta estreitamente vinculado ao prazer feminino, deixando claro que dentro da relação sexual a mulher não é mero coadjuvante, atuando de maneira ativa.

Na cena em que Lisístrata narra o juramento para que as demais repita, dentre as juras esta a de que “sem cavalgar levo a vida em casa...” (Aristófanes, *Lisitrata*, v.2017), aqui temos o pressuposto de que durante o ato sexual a mulher fica por cima do seu companheiro e a partir disso devemos considerar que quem se põe nessa posição comando o prazer conforme sua vontade, pondo-se assim na posição de ativa, sendo que essa deveria segundo a conduta ensinada estar sempre por baixo do homem, ou seja a descrição da mulher em posição como agente ativo frente ao homem durante o ato sexual, isso visto que segundo as regulamentações o prazer sexual é graça que deve ser concedia ao homem.

Lisitrata:

“Homem nenhum, amante ou marido...”

Cleonice:

“Homem nenhum, amante ou marido...”

Lisístrata:

“aproxima o pau duro”. Vai repete!

Cleonice:

“aproxima o pau duro”. Céus, Lisístrata,

Os joelhos se me a-f-r-o-u-x-a-m n-a v-e-r-t-i-g-e-m.

Lisístrata:

“Sem cavalgar, levo a vida em casa...”

Cleonice:

“Sem cavalgar, levo a vida em casa...”

(Aristofanes, *Lisístrata*, v.212-218)

Quando na cena de juramento, na qual Lisístrata conduz a jura é deixado perceptível que ainda que dicotomia de poderes pensada também para dentro do ato sexual, isso visto que dentro da relação é inaceitável a postura de passividade masculina, quem deve conduzir e seu favor o prazer é o homem, de maneira que a mulher dê prazer. No entanto em seu juramento Lisístrata descreve que homem nenhum deve ser deixado aproximar-se de pênis ereto, quando fala “aproxima o pau duro”, em demonstração de desejo, bem como quando diz “Sem cavalgar levo a vida em casa”, posição que pressupõe a mulher sentada sobre o

pênis do homem, uma posição sexual que põe a mulher na posição como ativa.

Lisistrata:

“Não ergo ao teto as sandálias pérsicas...”

Cleonice:

“Não ergo ao teto as sandálias pérsicas...”

Lisistrata:

“nem poso de leoa sobre espeto”.

(Aristofanes, *Lisistrata*, v.229-231)

Observando de maneira mais atenta a fala “Não ergo ao teto as sandálias pérsicas”, percebemos que a mulher se posiciona durante o ato sexual por baixo do homem com as pernas erguidas, auxiliando assim no prazer de ambos, de maneira que na fala “nem poso de leoa sobre espeto”, Aristófanes indica que durante o ato sexual, a mulher é quem fica sobre o homem, sendo assim, quem conduz o prazer a sua própria maneira a seu favor.

Quanto a chegada de Cinésias, esposo de Mirrine, Lisístrata à orienta como proceder para que consiga conduzir seu marido a assinar o acordo de paz, em um jogo de excitação, onde ela deve conduzir seu par de forma que acredite que vai efetivar a cópula, no entanto em último instante deve o deixar sem que tenha saciados seus desejos.

Lisístrata:

Cozinha o galo em banho-maria!

Amor e desamor, usa teu charme,

Só não lhe dês o que conhece o cálice”

(Aristofanes, *Lisistrata*, v.839-841)

Percebemos que a passagem “amor e desamor, usa teu charme”, indica que Mirrine deve conduzir seu companheiro ao ápice do desejo, seduzindo, acariciando excitando-lhe ao máximo, mas sem conceder o ato final, isso dá ênfase à questão de que no jogo da sexualidade a mulher tem em seu charme arma poderosa pronta a ser usada contra seus oponentes.

A atividade masculina é posta em todos os aspectos da vida grega, no campo das práticas sexuais isso se acentua ainda mais, visto se tratar de um campo com importância singular para os gregos.

Um Velho:
Meu desejo, coroa, é te dar um chupão...

Uma Mulher;
Pois deixa de comer cebola!

Um velho:
...e, pernas aos céus te escoicear.
(Aristófanes, *Lisístrata*, v797-799)

Durante conversa entre um homem e uma mulher, nas palavras “te dar um chupão”, delineia o teor sexual da conversa, bem como “pernas aos céus te escoicear”, traduz o papel de atividade dentro do campo sexual que deve ter o homem, visto que essa posição pressupõe o homem por cima da mulher, bem como expressa o desejo latente, em demonstração da virilidade que a condição masculina exige.

A passividade masculina é algo não bem visto socialmente para os gregos do século V a.C., de maneira que a reputação do indivíduo que pleiteava alguma posição política que garantisse o direito a opinião direta sobre questões políticas, deveria zelar por sua imagem, isso visto que essa estando em desacordo com as regulações sociais poderia o afastar de seu pleito, tamanha era a importância da preservação da condição de ativo para a sociedade.

A cena a seguir descreve o momento em que Cinésias esposo de Mirrine chega até sua esposa, e apresenta sua condição frente a ausência dela.

Cinésias:
A vida se despiu de todo encanto,
desde que renegou o nosso ninho.
Sofro ao entrar, pois vejo só vazio,
vazio e nada mais... Comer ficou
insosso. Eis-me agora de pau duro.

Mirrine:
Eu o amo de paixão, mas quem rejeita
meu amor é ele. Não, não vou!

Cinésias:
Por que agir assim, docinho? Vem,
Pula daí!

Mirrine:
Não! Nem que a vaca tussa!

Cinésias:
Não desceras, nem que eu me ajoelhe e implore?

Mirriner:
Não perca tempo me chamando; é inútil!
(Aristófanes, *Lisistrata*, v.865-875)

Quando Cinésias diz “A vida se despiu de todo encanto”, podemos observar como a falta da mulher esposa é significativa na vida do homem, fazendo até mesmo com que a vida perca a beleza de ser. “eis-me agora de pau duro”, traduz a condição de pênis ereto devido tamanho desejo sexual por sua companheira, demonstrando assim que o marido vê em sua parceira lugar de prazer, contrariando padronização social. Também na fala “não desceras, nem que eu me ajoelhe e implore?”, nos descreve uma imagem de um homem ajoelhado diante uma mulher e implorar por seu favor, chega a ser algo impensável segundo as normas.

Refletindo sobre tamanha a importância das questões sexuais para os gregos, pensamos sobre um homem que deixado por sua companheira, implora publicamente para que essa retorne aos seus braços, demonstrando a fragilidade sobre a qual tentam sustentar a ideia de que o homem carece de uma mulher apenas para a procriação. Tão grande é a necessidade masculina que esse chega a ignorar sua posição de sujeito ativo que deve preservar sua posição em troca de que sua companheira ceda a sua vontade.

Na mesma cena mais a seguir, Cinésias implora para que sua esposa deite-se com ele, isso deveria ser algo impensável dentro do que é proposto para os homens gregos.

Mirriner:
Bem, se queres,
Irei, mas não agora, que eu jurei.

Cinésias:
Deita comigo, só um bocadinho!
(Aristófanes, *Lisistrata*, v.903-904)

Após tanto pedir a Cleonice, Cinésias acredita ter convencido ela a ceder sua vontade, no entanto Cleonice seguindo as orientações de

Lisístrata, seduz seu esposo das mais variadas formas, a ponto de elevá-lo ao desejo sexual por ela, mas em seguida o abandona sem que ela tenha se deitado com ele.

Cinésias:

Mato-me e nocauteou-me e, o que é pior,

Piroca ativa, pica a mula!

O que a de ser de mim?

Quem eu foderei,

Se a mais bela me engana?

Como alimentar o bimbo?

Cadê o cafetão do Raposo?

Contratem uma ama pra mim!

(Aristófanes, *Lisístrata*, v.952-959)

Apesar da historiografia antiga pontuar sobre as mais diversas maneiras que o homem tem de satisfazer seu prazer sexual, na cena acima descrita, Cinésias procura em primeiro lugar sua esposa, pela qual demonstra considerável valoração, bem como admira sua beleza. Conforme levantamento bibliográfico, ficou perceptível uma inclinação no sentido de pensar que o homem que demonstra desejo bem como prazer sexual por sua esposa, toma posse da posição de passividade, isso visto que a relação sexual entre o casal é tida apenas com o objetivo apenas de procriar, ficando o homem isento dessa obrigação após ter tido filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa intenção foi realizar uma análise abrangente dos estudos que nos conduzissem em um encadeamento de ideias que permitissem um olhar diferenciado sobre a supremacia masculina na sociedade grega, de forma a perceber qual a representação das práticas sexuais dentro das relações sociais existentes no imaginário masculino ateniense do século V a.C. que se apresenta na comédia grega *Lisístrata*.

Assentamos sobre a conturbação política ideológica pela qual passava a Atenas no referido período de maneira que isso se mostrou de extrema importância para a compreensão de determinadas ideologias. Também pudemos perceber qual o peso e importância da comédia grega

antiga para seus contemporâneos. E a partir disso ficou estabelecida a importância e a visibilidade da dramatização cômica para os gregos. Bem como compreendemos que era de extrema importância e visibilidade o fator ir ao teatro, local de apresentação das comédias, logo fazemos a leitura de que se tratava de um momento que visava alcançar uma gama considerável de sujeitos, e que funcionava enquanto um mecanismo propagador de ideias, bem como o momento de estar inteirados sobre as demandas da cidade.

Pudemos perceber ainda que o surgimento da comédia esteve em determinado momento relacionado com o surgimento do estado democrático. E que essa se estabeleceu enquanto mecanismo porta voz do povo, visto que costumava tocar em temáticas ácidas e que sem a licença e o encobrimento do risível, não ousavam falar.

A sociedade binária, através do estabelecimento dos papéis exercidos entre os “passivos e ativos” foram utilizadas como uma das bases ideológicas que permeavam o universo sexual dos indivíduos gregos em especial os atenienses, tratando de assentar quais eram as normas que regiam a sociedade ateniense do século V.a.C.. No âmbito das práticas sexuais existem jogos de poder, e que em determinadas situações esses extrapolam as regulações estabelecidas para determinada sociedade. Pensando isso para Grécia clássica a partir do constructo ficou claro que o mecanismo da repressão sexual, esta estreitamente vinculado ao sistema de poderes. Isso visto que regular a sexualidade de determinado grupo, significa controlá-los.

Mesmo com os mecanismos de opressão, foi possível observar subterfúgios desenvolvidos pelos grupos reprimidos, de maneira que desenvolviam meios de resistência e contra poder. Pudemos observar que as regulações impostas a esses grupos não eram efetivas em sua totalidade, coexistindo em paralelo aos padrões modelos de viver diferenciados que normalmente as fontes históricas oficiais não nos contam.

Ao realizarmos a análise da obra literária *Lisístrata*, do comediógrafo grego Aristófanes, percebemos que na construção da narrativa, ele vem nos apresentar outros comportamentos relacionados ao feminino e ao masculino. Pensado que a comédia é um reflexo da sociedade, isso visto que toda produção humana está relacionada com as vivências e percepções de quem as produz. E se tratando de que Aristófanes viveu o apogeu ateniense, frente às novas reestruturações ele

certamente utiliza da liberdade de expressão artística para lançar críticas às novas maneiras de se conceber as coisas

Bem como compreendemos que dentro do universo sexual o feminino angaria uma supremacia que extrapola os muros da moral. Ainda que as normas pregassem que a boa esposa deveriam se abster dos prazeres sexuais, notamos a partir da narração de Aristófanes a existência da possibilidade das práticas sexuais serem praticadas de maneira que ambos sentissem prazer. O âmbito sexual tem um peso tão considerável para os gregos no período clássico que o comediógrafo chega a por em questão o quão seria viável para as mulheres em poucos dias findar com conflito bélico de longo tempo através da abstinência do caralho.

REFERÊNCIAS

Fonte

ARISTÓFANES. Lisístrata. In: **Lisístrata e Tesmoforiantes de Aristófanes**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2011.p.27-132.

Estudos Modernos

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**, essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 1996.

_____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1988.

_____. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. 8.ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984.

GOLDHILL, Simon. **Amor, sexo e tragédia**: como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.

JAEGGER, Werner. A Comédia de Aristófanes. In:_____ **Paideia: A formação do Homem grego**. São Paulo, Martins Fontes, 1995. p. 414 - 439.

LESSA, Fabio de Souza. **Mulheres de Atenas: méliissa, do gineceu à Ágora**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **O Feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MATA, Gisele Moreira. **Entre Risos e Lagrimas: Uma análise das personagens femininas atenienses na obra de Aristófanes (Séculos VI A IV a. C.)**. 2009. Dissertação (Pós-graduação em História) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Campinas: **Cadernos Pagu**, 2003.

SALLES, Catherine. **Nos Submundos da Antiguidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TORRÊS, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.). **Mirabilia** 01, Dec 2001/ISSN 1676-5818.

VRISSIMTZIS, Nikos A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002.